

apresentação

Para Georges Bataille, como para William Blake antes dele, bem e mal se correlacionam numa coincidência de contrários que promove, sobretudo, reflexões sobre a criação e as suas inúmeras formas de representar o sonho, o desejo, o real.

O bem, que tem por objetivo um tipo de realização do potencial humano sustentado por uma ideia de razão e verdade, é, de acordo com Bataille, muitas vezes, atrofiante. O mal, por sua vez, com suas necessárias transgressões, cumpre, na arte, a importante função de mover fronteiras e ampliar o olhar.

O mal só pode existir como infrações na ordem social, obstáculo à perpetuação da espécie ou quebra voluntária de tabus. O mal se traduz, portanto, na manifestação do desejo de liberdade e soberania, de paixão e de superação de limites. Ao operar no reino do sagrado, do desconhecido e do gozo do instante motivado pela confrontação com a inevitabilidade da morte, a arte aspira a eternidade.

Assim, a cumplicidade essencial entre a literatura e o mal, apontada por Bataille em 1957 desde a publicação de *A literatura e o mal*, delinea, de forma paradigmática, os artigos apresentados neste número da revista Aletria.

Do mal como elemento constitutivo da escrita, aliciando, para sua inscrição, a morte, o corpo e o autoextermínio, até as reflexões éticas sobre as aproximações entre o humano e o animal, passando por manifestações do sagrado, do erótico e das instâncias do poder que advém dos embates do sujeito com essas categorias, espera-se com esta publicação contribuir para a reflexão sobre o estatuto do mal como potência criativa, observando suas peculiaridades e suas possibilidades.

Julio Jeha
Lyslei Nascimento